



Cláudia Aparecida Carneiro\*

## A construção do *setting* virtual

Lea teria sessões de análise presenciais em sua temporada de um mês e meio no Brasil. No primeiro encontro após sua chegada, ao entrar no consultório e sorrir para mim, fez uma pausa, sentou-se no divã, e com um suspiro suave conferiu os cheiros da madeira dos móveis e dos livros misturados ao aroma verde da sala, associou-o ao cheiro do casaco da mãe. Silenciosamente, moveu o olhar de um canto a outro e sussurrou: eu adoro vir aqui. Deitou-se, e permaneceu por um longo tempo no silêncio e na ancoragem sensorial que propiciou um campo emocional seguro para trabalharmos aspectos regressivos de uma situação traumática vivenciada na infância, e que começava a emergir nesse momento da análise.

O que pretendo pontuar com a cena analítica descrita acima, em uma discussão sobre análise *online*, é que o campo analítico possível de ser criado em um ambiente virtual não pode ser comparado à experiência e à situação transferencial que surgem de um encontro vivo entre os corpos do paciente e do analista em um mesmo ambiente físico.

Por um lado, a presença, de um e de outro, mobiliza emoções e fantasias que abrem o campo transferencial para que ocorra o processo analítico.

Por outro, existe uma real presença, em termos analíticos, do analista e do analisando no espaço intersubjetivo que se estabelece na comunicação virtual entre os dois. Esta é

sustentada por um *setting* construído gradualmente e, nesse caso, da responsabilidade de cada um dos integrantes da dupla. Um pode sentir a presença do outro. Por estarem presentes, via telefone ou internet, cria-se um espaço de experiência compartilhada, que Carlino (2010/2018), pesquisador do tema psicanálise à distância, denomina de “presença comunicativa”.

Concordo com Scharff (2014) e Zalusky (1998) quando defendem que existem mais semelhanças do que diferenças entre a análise tradicional e a virtual. Estas autoras e outros, que nas últimas décadas vêm se dedicando ao estudo das implicações das tecnologias digitais na prática analítica, parecem ter uma ideia em comum: a prática da análise *online*, presente em boa parte dos consultórios atuais, é crescente e inevitável em um mundo de rápidas transformações tecnológicas e socioculturais, e sua eficácia e limitações devem ser compreendidas na especificidade do *setting* edificado em um ambiente virtual.

Afinal, quais as condições básicas para se estabelecer um *setting* no espaço virtual? Freud (1919/2010a), ao discorrer sobre as linhas de progresso na terapia psicanalítica, insistiu em que “o tratamento analítico deve, tanto quanto possível, ser conduzido na privação, na abstinência” (p. 285). Já nos artigos técnicos de Freud (1913/2010b) havia se enfatizado o uso do divã, entre outras razões, como medida de

\* Sociedade de Psicanálise de Brasília.

abstinência do olhar. Pois é precisamente o olhar que constitui um elemento novo no enquadre virtual e ganha um estatuto diferenciado daquele do *setting* tradicional.

O encontro virtual estabelece um enquadre decorrente também da experiência do olhar. Uma vez que a internet cria um espaço intermediário entre a realidade e a imaginação, a presença do outro deixa de ser uma questão subjetiva (Carlino, 2010/2018) para se confirmar, pelo olhar, como real (embora não física) diante da ausência de outros elementos sensoriais.

Nas limitações de um processo que se constrói no espaço de transição criado por um *smartphone*, sem a dimensão sensorial da presença do corpo do analista, e ainda sujeito a falhas de conexão e outras interferências físicas, a visão do analista é um fator importante de sustentação e enquadre.

Mijolla (2005) observa que, na situação de “face a face”, o olhar do analisando intervém menos vezes para satisfazer as pulsões voyeuristas ou exibicionistas do que para testemunhar a presença do analista, sem ter que fantasiá-lo como uma potência invisível que julga e pode punir. Considerando as interferências mais comuns ao *setting* virtual, Sabbadini (2014) sugere que a visão do analista daria condições ao paciente de suportar melhor os silêncios no decorrer da sessão que, no caso, podem ser experimentados como ameaçadores e despertar fantasias paranoicas se o contato visual não estiver disponível. O analista saiu da sala? Distraiu-se com outra coisa? Ou talvez caiu morto?

Nas sessões virtuais com outra paciente, Bia, o traumático se apresentava em uma compulsão à repetição que se traduzia em sua dificuldade de cuidar do espaço e do tempo acertados para nossos encontros, e na impossibilidade de buscar privacidade para nosso momento juntas. Nos primeiros dois anos, a análise ocorreu presencialmente e Bia então mudou-se para outro continente interrompendo a análise por um ano; até que uma crise depressiva e o retorno de episódios bulímicos a fizeram procurar-me, incapaz que se sentia de conversar com outro analista que não tivesse sua língua-mãe.

Com um *setting* precário e a enorme diferença de fuso, o trabalho com Bia por vezes, era extenuante e eu tinha dúvidas se deveria continuá-lo. Discutimos alternativas de tratamento *in loco* para ela, que ao final não vingaram. Enquanto se davam tais tentativas, ocorria também

a construção lenta de um *setting* com características específicas, sustentado na tolerância e na disponibilidade para encontrarmos um tempo e um espaço possíveis e criarmos as condições de análise. Eu me fazia presente pelo olhar e pela escuta, como testemunha de sua vida e seu sofrimento. Criou-se um espaço intersubjetivo no qual conseguimos compartilhar a experiência emocional de seu vazio psíquico, possibilitando-lhe representar sua dor e suportá-la.

Nas reflexões sobre uma psicanálise em transformação, Giovanetti (2011) propõe que, ao lado da função interpretante e da função continência, o analista possui a “função testemunho” (p. 101), de quem viveu e é testemunha da existência do analisando, tendo compartilhado com ele sua experiência.

Entendo que num futuro próximo, nestes tempos de revolução tecnológica, os analistas terão que decidir se acolhem ou não essa estranha e diferente forma de contato com o inconsciente do outro, além de quais as condições que se fazem necessárias para isso. Certamente, eu me incluo entre os que consideram necessário um processo anterior, ou em andamento, para que uma análise possa ocorrer (continuar) em ambiente virtual. É no espaço mental da dupla em que já existe a representação do processo analítico que posso continuar o desafio da experiência *online*.

## Referências

- Carlino, R. (2018). *Distance psychoanalysis*. Londres: Routledge. (Trabalho original publicado em 2010).
- Freud, S. (2010a). Caminhos da terapia psicanalítica. Em P. C. Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 14, pp. 279-292). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (2010b). O início do tratamento. Em P. C. Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 10, pp. 163-192). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913).
- Giovanetti, M. F. (2011). Sobre migrações e transferências. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45(2), 95-104.
- Mijolla, A. (2005). *Dicionário internacional de psicanálise: Conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Rio de Janeiro: Imago.
- Sabbadini, A. (2014). New technologies and the psychoanalytic setting. Em A. Lemma e L. Caparotta (ed.), *Psychoanalysis in the technoculture era*. Londres: Routledge.
- Scharff, J. S. (2014). Clinical issues in analyses over the telephone and the internet. Em A. Lemma e L. Caparotta (ed.), *Psychoanalysis in the technoculture era*. Londres: Routledge.
- Zalusky, S. (1998). Telephone analysis: Out of sight, but not out of mind. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 46(4), 1221-1242.